

A CULTURA EPIGRÁFICA NO CONVENTVS BRACARAVGVSTANVS (PARS OCCIDENTALIS)

PERCURSOS PELA SOCIEDADE BRÁCARA
DA ÉPOCA ROMANA

VOLUME I

ARMANDO REDENTOR



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Mickael Silva

PRINT BY

CreateSpace

ISBN

978-989-26-1269-0

ISBN DIGITAL

978-989-26-1270-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1270-6>

APRESENTAÇÃO

TER QUEDA! Quis D. Fernando de Almeida mui sollicitamente prefaciá a minha dissertação de licenciatura *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, cuja elaboração orientara. Agradável sensação é, pois, a de ser, agora, Armando Redentor, cuja tese de doutoramento procurei orientar, a manifestar o desejo de eu escrever umas linhas de apresentação para a edição do seu trabalho pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

E dei comigo a reflectir sobre o significado profundo do que era orientar uma tese. Uma caminhada o é. Uma caminhada em conjunto, em que, dia após dia, sobrevêm surpresas, se rasgam novos caminhos, se ousam ensaiar ignotas veredas, se tropeça aqui para logo nos levantarmos mais além. E há o desânimo, a lentidão da marcha em jornadas de espesso nevoeiro, a ânsia de mais depressa se chegar ao fim...

E há, sobretudo, uma aprendizagem mútua, porque justamente se parte rumo a um objectivo por cabalmente descobrir. Aprendizagem a requerer humildade de parte a parte, «não sei, vou investigar; acho que a tua ideia tem todo o sentido!...», a exigir o que o Povo classifica como... «ter queda» e, num âmbito religioso, se chama «ter vocação». Armando Redentor 'tem queda' para epigrafista e afirmar que foi bem agradável a caminhada com ele empreendida em direcção ao seu doutoramento é, indubitavelmente, dar dessa caminhada uma imagem quase estereotipada, quando vestida de estereótipos é que ela nunca foi.

Para já, porque tive sempre o ouvinte atento, o interlocutor perspicaz que sabia pôr as questões no momento oportuno e a propósito. Armando Redentor consciencializou bem depressa uma sentença de Sir Fred Hoyle, que eu cito amiúde: o importante não são as respostas, as perguntas é que o são! E, a meu ver, a investigação pura é aquela que, na hora exacta, toma consciência da questão que há aqui a colocar. Armando Redentor nunca hesitou. Quer se tratasse do bem conhecido e já longamente estudado complexo epigráfico da Fonte do Ídolo, em Braga, quer da significativa estela com o baixo-relevo dos dois *ciues romani*, de S. Tomé de Vade, que eu referenciara mas deixei ao achador um estudo completo, quer do enorme penedo das Caldas das Taipas com a inscrição a Trajano...

Escolheu-se para território a parte ocidental do *conuentus Bracaraugustanus* e sabíamos, de antemão, dos espinhos que iríamos colher. Zona de granitos, traiçoeira matéria-prima para estranhas epígrafes que importava rever. Ainda por cima, terra que Alain Tranoy mui cuidadosamente palmilhara, é certo que nos anos 70, mas a sua sagacidade colhera úberes frutos e dera-nos da Galícia romana uma sólida reconstituição no seu panorama geográfico, sociopolítico e cultural. Por ali andara António Rodríguez Colmenero, cujas divagações interpretativas constituíam acutilante desafio: eram mesmo divagações? Assim o poderíamos interpretar à primeira vista, por aparentemente se esquecer, de quando em vez, que já estudara uma epígrafe e lhe dera outra leitura; ou eram, afinal, pistas cuja validade se havia de aquilatar?

Pessoalmente, eu nunca quisera meter pés, confesso, na epigrafia romana de além-Douro. E mesmo no âmbito do programa do novo volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, a publicar pela Academia de Berlim, deixei campo aberto a Alain Tranoy e a Patrick Le Roux, eles sim, os mestres nesse domínio, assaz diverso do da *Lusitania*. Se no interior do *conuentus Scallabitanus* se

detectara uma forte raiz indígena a persistir durante o período romano, o certo é que esse traço autonómico – diríamos hoje... – era muito mais vincado neste recanto noroeste da *Hispania citerior*. Quando, porém, Armando Redentor se propôs a estudar, para a dissertação de mestrado, a epigrafia romana de Bragança, complementando assim eficazmente a dissertação de doutoramento de Francisco Sande Lemos, *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental* (1993), em que, por opção dele e minha, acabáramos apenas por dar conta do que havia feito, no campo das epígrafes, sem mais se adiantar, e eu vi o excelente resultado obtido, achei que havia reflexões a refazer, na esteira metodológica do que os autores do volume sobre a epigrafia de *Conimbriga*, Robert Étienne e Georges Fabre, pioneiramente haviam ensinado.

O resultado está nas páginas que se seguem. Plasmado numa linguagem tersa, depurada... E aqui cumpre abrir um parêntesis: Armando Redentor escreve muito bem! Será ufania minha, penitencio-me, mas, dentre aqueles a quem ousou chamar de ‘meus discípulos’ – os que, um dia, se deixaram seduzir por esta ciência preñe de mistérios por descobrir e que, exactamente por esse motivo, nos encanta alfim... –, dentre os meus discípulos, Redentor é, sem dúvida, os outros que me perdoem, aquele que melhor soube compreender a máxima singela amiúde olvidada pelos cientistas: quando se escreve é... para que nos leiam! O rigor da frase, a veicular uma ideia profunda ou inovadora, não dispensa um mavioso cantar, precisamente para melhor atrair a atenção e mais facilmente se transmitir a mensagem!

Referi atrás os atalhos tortuosos. Esse, um dos aspectos mais salientes do livro que ora se edita – e muito me apraz apresentá-lo para a Imprensa da minha Universidade, vivamente me congratulo! Armando Redentor não hesitou em ousar palmilhá-los. Correu o risco de rasgar as vestes na aspereza dos silvados; mas não voltou atrás. E venceu. Com ele, a Epigrafia ostentou, mais

uma vez, vitoriosa, o seu carácter de ciência que estuda o que o Homem sucintamente redigiu e mandou gravar em material duradouro para o legar aos vindouros. Com Giancarlo Susini, caminhámos, pois!

Cascais, 8 de Outubro de 2015

José d'Encarnação